



“DIGA SIM ÀS NOSSAS VIDAS”: A imagem e o discurso sobre o aborto no Brasil¹

Ana Carolina SOARES²

Paula Reis MELO³

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

Este artigo foi desenvolvido na disciplina “Produção Audiovisual e Debate Público”, ofertada para o curso de Rádio, TV e Internet da Universidade Federal de Pernambuco, a qual tinha o objetivo de estimular o debate em sala de aula sobre as produções audiovisuais independentes, com temáticas sociais, no estado de Pernambuco. Foi escolhido para esse artigo o clipe “Diga Sim às Nossas Vidas”, produzido pela ONG SOS CORPO em parceria com o blog Frente Nacional Aborto Legal, com o intuito de servir como campanha na luta a favor da legalização do aborto no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: aborto; cidadania; comunicação; direito; mulher.

Introdução

O presente artigo foi desenvolvido na disciplina “Produção Audiovisual e Debate Público”, ofertada para o curso de Rádio, TV e Internet, da Universidade Federal de Pernambuco, a qual tem como finalidade promover o debate em sala de aula sobre temáticas sociais das produções audiovisuais independentes, no território pernambucano. Esse texto tem como objetivo descrever, de forma breve, desde quando começou a luta das mulheres pela liberdade do próprio corpo no Brasil chegando até ao clipe “Diga Sim às Nossas Vidas”, este que é instrumento da campanha da legalização do aborto no país da ONG SOS CORPO junto com o blog Frente Nacional Aborto Legal.

A luta da mulher pelo direito de liberdade de seu corpo foi um dos primeiros lemas do feminismo. Com o passar das décadas esse tema começou a se concretizar, muito timidamente no Brasil, mas desencadeou campanhas de ONGs feministas sobre a legalização do aborto. Mesmo sendo um assunto pouco discutido na sociedade brasileira, já se tornou uma questão de saúde pública por afetar os índices de mortalidade infantil e das mulheres, e dividindo opiniões contra ou a favor, com

¹ Trabalho apresentado no II 07 – Comunicação, espaço e cidadania do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

² Estudante do 8º semestre do Curso de Rádio, TV e Internet, da UFPE, email: acs.carol.ana@gmail.com.

³ Professora do departamento de Comunicação Social da UFPE, orientadora da disciplina Produção Audiovisual e Debate Público, e-mail: preismelo@yahoo.com.br



argumentos fundados em dados de pesquisa, religião ou pelo senso comum.

Contexto histórico

As relações familiares no fim dos anos 1960 na sociedade brasileira começaram a passar por mudanças, devido aos novos comportamentos afetivos e sexuais; pelo acesso aos métodos contraceptivos e às terapias de cunho psicológico, abalando as estruturas familiares que criavam um muro de aparências. A professora da Universidade Federal de São Paulo Cynthia A. Sarti afirma que, nesse novo período que o país estava passando “novas experiências cotidianas entraram em conflito com o padrão tradicional de valores nas relações familiares, sobretudo por seu caráter autoritário e patriarcal” (SARTI, 1998).

A década de 80 foi um marco para muitas minorias no Brasil, principalmente, para as mulheres que reunidas por várias causas e, uma delas que até hoje vem mudando o rumo da sociedade brasileira é a liberdade do seu corpo. A emancipação da mulher começou com a sua inserção nas frentes de batalha na época da Ditadura Militar (1964-1985) e, intensificou-se ainda mais a partir dos movimentos de mulheres no Brasil que:

era uma força política e social consolidada. Explicitou-se um discurso feminista em que estavam em jogo as relações de gênero. As ideias feministas difundiram-se no cenário social do país, produto não só da atuação de suas porta-vozes diretas, mas do clima receptivo das demandas de uma sociedade que se modernizava como a brasileira. Os grupos feministas alastraram-se pelo país. Houve significativa penetração do movimento feminista em associações profissionais, partidos, sindicatos, legitimando a mulher como sujeito social particular. (SARTI, 1998).

A autonomia feminina se fortalece ainda mais com o direito de decidir quando e quantos filhos querem ter, o que foi possível através do avanço da medicina com a pílula anticoncepcional. Esse método contraceptivo foi inserido no mercado farmacêutico brasileiro pelo laboratório Bayer Schering Pharma em 1961 (32º Prêmio Opinião Pública, 2012). Isso mudou não somente a taxa de fecundidade do país, mas também a vida sexual das mulheres, assim se tornou possível ter a liberdade de avançarem nos estudos e no trabalho, além de separar a sexualidade da reprodução. A maternidade se transformou em uma opção para as mulheres, deixando de ser um dever:

Na riqueza e na pobreza, de forma natural, por inseminação ou por adoção, o exercício da maternidade é um direito de todas as mulheres, independentemente de sua cor, geração, orientação sexual ou se é portadora de alguma deficiência. Contudo, a maternidade não é um



destino sem fuga, nem pode ser imposta como um dever das mulheres. A maternidade deve ser fruto da escolha de cada mulher considerando suas possibilidades e seu projeto de vida. A gravidez é uma vivência enriquecedora para as mulheres desde que seja fruto de uma decisão livre e autônoma. (FRENTE NACIONAL ABORTO LEGAL, 2012)³.

Com isso vários tabus foram sendo desfeitos em diversos campos, desde a relação íntima (como citado antes) até a área profissional, pois o método contraceptivo permite mais independência para a população feminina, promovendo o trabalho para o status de realização profissional e deixando de lado cada vez mais a ideia de cuidar da casa ou só trabalhar nesta. Apesar de essa pílula ter muitos benefícios para a saúde, muitas mulheres enfrentam a força da matriz religiosa na cultura brasileira. A igreja impõe que as relações sexuais são para procriação e não para satisfazer o desejo sexual, por isso é contra o uso de pílula anticoncepcional e do preservativo. Essa aversão aos métodos contraceptivos pelos religiosos é ratificada por Vera Soares, militante feminista, membro da ELAS — Elisabeth Lobo Assessoria, que cita em seu texto a escritora Rosado Nunes:

Em geral, a hierarquia da Igreja e alguns padres progressistas ficaram doutrinariamente em oposição, ou agiram mesmo com hostilidade em relação a algumas reivindicações do feminismo, principalmente quanto aos direitos reprodutivos e temas da sexualidade, em particular o aborto. Mas as mulheres nestes espaços foram sujeitos ativos e reagiram às muitas práticas e discursos da Igreja. (ROSADO, Maria José Fontelas Rosado, 1991 apud SOARES, Vera. p. 40-41).

Nos Estados Unidos, na segunda metade de 1960 até fim dos anos 1980, a comunicação de massa foi utilizada para encorajar as mulheres a lutarem por seus direitos e independência. A época foi conhecida como “Liberação da mulher” e houve nos protestos feministas com a famosa queima de sutiãs, (CAMARGO apud Brasil Escola, 2014). O quadro foi parecido no Brasil, apesar das opressões impostas pela Ditadura Militar nos anos 1960 e 1970 para a população, mas que não ofuscaram nos anos 1980 o surgimento de diversas ONGs com vários objetivos de luta, entre elas muitas eram do movimento feminista.

Em Pernambuco, na cidade do Recife, foi criada em 1981 a ONG Instituto Feminista para a Democracia - SOS Corpo que é referência para a região Nordeste por ser uma organização da sociedade civil e autônoma, e visa contribuir para a

³ Citação extraída do texto “**Plataforma para autodeterminação reprodutiva das mulheres, maternidade livre e legalização do aborto**” do blog Frente Nacional Aborto Legal, 2012. Disponível em: <<http://frentenacionalabortolegal.blogspot.com.br/>>. Acessado em: 07 fev. 2014.



democratização da sociedade através do progresso da igualdade de gênero com justiça socioambiental. A figura 1 mostra o site da SOS Corpo, mais precisamente o link “QUEM SOMOS” que fala um pouco da história da ONG.

Para a SOS CORPO a transformação social é o que leva os movimentos de mulheres adiante, pois a luta contra a pobreza, o racismo e a homofobia são dimensões fundamentais do feminismo, assim podendo enfrentar o sistema capitalista e patriarcal, produtor de desigualdades e sofrimento humano. Essa realidade é intensificada, principalmente, na região Nordeste por ter sido comandada na maior parte de sua história pelos senhores de engenho de onde o machismo e a sociedade hierárquica são tão arraigados na sociedade nordestina ainda hoje.

Além de atuar em diversas áreas na mobilização das mulheres, a ONG participa de diversas iniciativas e elaboração de vídeos e assim reforça seus lemas de luta em campanhas em prol da mulher. Para este artigo foi escolhido o clipe “Diga Sim às Nossas Vidas”, produzido pela SOS Corpo em parceria com o blog Frente Nacional Aborto Legal, para a campanha contra a descriminalização da mulher e a legalização do aborto, uma reivindicação que começou com os movimentos feministas. A figura 2 é a página inicial do blog Frente Nacional Aborto Legal com um texto da Semana de Mobilização Mundial de 2012.



Figura 1 - Site SOS CORPO



Figura 2 - Blog Frente Nacional Aborto Legal

A campanha pela legalização do aborto

A campanha pela legalização do aborto no Brasil é recente em relação à história do país, no entanto é muito temida e pouco discutida. Visto que é uma questão que envolve a vida da mulher e do feto, então interfere no reconhecimento dos direitos de ambos. E o mais agravante é uma parte da sociedade ficar em dúvida em relação ao fato da prática do aborto ser considerado um crime ou não.

O blog Frente Nacional Aborto Legal é um dos espaços na web que é voltado para promover a luta feminista a favor da legalização do aborto, sendo o lema “Nenhuma mulher deve ser impedida de ser mãe. Nenhuma mulher deve ser obrigada a ser mãe. Nenhuma mulher deve ser presa, humilhada, ou maltratada por ter feito um aborto”. (FRENTE NACIONAL ABORTO LEGAL, 2012).

O vídeo é uma das formas de comunicação mais utilizada nas redes sociais para levantar bandeira de alguma luta, além de ser de fácil disseminação na internet é mais viável apresentar em palestras para ratificar os ideais de quem o apresenta. Esse clipe adota uma forma unilateral sobre a descriminalização do aborto, a partir do ponto de vista da ONG SOS Corpo e do blog Frente Nacional Aborto Legal, assim descartando a utilização do diálogo para deixar clara a ideia que se quer passar com a junção das imagens com o som. Tratando-se desta maneira de uma peça publicitária, pois visa promover uma campanha, a luta pelo reconhecimento total do direito de liberdade do corpo da mulher:



Esta frente é resultado do esforço de organizações e indivíduos que se indignam quando vêem uma mulher, muitas vezes uma garota que teria toda a vida pela frente, morrendo por não ter tido sua escolha de não ser mãe respeitada e praticar aborto nas mais grotescas condições de higiene. Fruto da intolerância e fundamentalismo, a criminalização do aborto não impede que ele seja realizado, só arremessa as mulheres que optam por fazê-lo na mais absoluta clandestinidade. Se você também acha que a criminalização destas mulheres é absurda, junte-se a nós. Some conosco nesta frente. Assine e divulgue o manifesto. Somando esforços faremos com que ser mãe seja um direito, e não uma obrigação, de todas as mulheres. Frente pelo fim da criminalização e pela legalização do aborto - FFCMLA. (FRENTE NACIONAL ABORTO LEGAL, 2012).⁴

No blog Uma Feminista Cansada, em um post é discutida a descriminalização do aborto com base nos estudos feitos pela World Health Organization em Geneva e pelo Guttmacher Institute em New York e publicado no Lancet, que “o número de abortos em países em que o aborto é legalizado e países em que é proibido ou restrito é estatisticamente IGUAL” (UMA FEMINISTA CASADA, 2013).

Isso implica que a criminalização do aborto pode não reduzir o número de abortamento, e sim, o índice de mortalidade entre as mulheres e o desenvolvimento de problemas de saúde física e psíquica nas que abortaram. Mas, esta é uma questão de saúde pública e dos juristas. O que vai ser discutido neste artigo é como a comunicação viabiliza a mobilização e divulgação da campanha dos movimentos feministas na luta contra a descriminalização do aborto.

O vídeo “Diga Sim às Nossas Vidas” é um objeto de campanha da ONG SOS Corpo para atrair a atenção de militantes e simpatizantes com relação à legalização do aborto, pois o tema é pouco discutido pela sociedade e ainda continua sendo uma das principais reivindicações dos movimentos feministas.

O clipe “Diga Sim às Nossas Vidas” foi produzido pela SOS Corpo em parceria com o blog Frente Nacional Aborto Legal, com o intuito de reforçar a luta da ONG pela descriminalização das mulheres que precisam ou querem interromper uma gravidez indesejada. O vídeo foi publicado na conta da ONG SOS Corpo no site You Tube, em 26 de setembro de 2012, tendo duração de três minutos e quinze segundos, com 1.526 visualizações até o dia 12 de fevereiro de 2014, sendo 36 pessoas opinaram que gostaram enquanto apenas 1 não gostou. O clipe pode ser compartilhado com as redes sociais através de ícones abaixo do vídeo, sendo assim uma forma de reforçar em contas

⁴ Citação extraída do texto “O ABORTO NÃO DEVE SER CRIME!”. Disponível em: <<http://frentenacionalabortolegal.blogspot.com.br/>>. Acessado em: 07 fev. 2014.



como Facebook a luta pelos ideais feministas, por exemplo.

Na descrição do clipe a organização afirma que:

por gravidez ou adoção, ser mãe é um direito de todas as mulheres, em qualquer tipo de família, sem discriminação. A maternidade não é um destino, nem pode ser imposta como um dever das mulheres. A maternidade deve ser fruto da escolha de cada mulher, considerando seu projeto de vida. (SOS CORPO, 2012)⁵.

Para o movimento de mulheres essa luta é prioritária e de conhecimento de muitas outras, pois o abuso de meninas no meio familiar ou nos espaços públicos, a violência sexual e a heteronormatividade podem ser as causas de uma gravidez indesejada e o acarretamento de doenças emocionais e/ou físicas. Sendo o aborto uma saída para a maioria que passa por essa situação, assim faz crescer a indústria clandestina de abortamento deixando essas mulheres a mercê de maus tratos, humilhações e criminalizadas, ainda quando o aborto é espontâneo, ratifica a SOS Corpo (SOS CORPO, 2012).

Fundamentos teóricos

A enunciação inicia-se pelo modo que o locutor busca transmitir para o seu interlocutor e estabelecer um diálogo ou reflexão nessa relação. Todavia:

convém não separar o conceito ‘de enunciação’ do par do qual ele é um dos termos: *enunciado/enunciação*. A ordem do enunciado é a ordem do que é dito (aproximadamente poder-se-ia dizer que o enunciado é da ordem do ‘conteúdo’); a enunciação diz respeito não ao que é dito, mas ao dizer e suas modalidades, os modos de dizer. (VERÓN, Eliseo. 2005, p.216).

As atitudes do interlocutor servirão de parâmetro para o locutor analisar como será a transmissão da mensagem. Sendo o sucesso da comunicação quase independente do que seja falado, no entanto, e refém das modalidades de como falar sobre o conteúdo, pondera Verón (VERÓN, Eliseo. 2005, p.219).

O estudo da subjetividade na linguagem parte das possíveis formas que o sujeito se utiliza, estabelecendo o diálogo entre o interlocutor e o locutor. Assim se faz presente a teoria da enunciação que toma o sujeito como centro de reflexão da linguagem e também,

⁵ SOS CORPO apud YOUTUBE. “**Diga Sim às Nossas Vidas**”. 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=fNuvmWZrNyA>>. Acessado em: 07 fev. 2014.



em direção distinta, aparece a enunciação como fenômeno social, em vez de individual, na relação entre sujeito e sociedade. Aqui, a palavra é dialógica e é determinada tanto por quem a emite quanto para quem é emitida. (GIACOMELLI, 2000).

Para Roland Barthes, os que se preocupam mais com os efeitos das mensagens sem se questionar sobre a natureza das causas tendem a se “iludir” com a naturalização do signo (BARTHES, Roland apud VERÓN, Eliseo. 2005, p.238).

Análise do vídeo “Diga Sim às Nossas Vidas”

O clipe é composto pela gravação da música “Diga Sim às Nossas Vidas” em um estúdio, por três cantoras de hip-hop alternando com imagens de passeatas do movimento das mulheres, desenhos e a encenação de mulheres tristes olhando para a câmera ou segurando folhas de papel com palavras que reforçam a letra da música. O arranjo da canção é forte, como a maioria das músicas de hip-hop por terem uma tendência de reivindicação, além de ter um cunho dramático, de vitimização do sujeito. A figura 3 mostra o começo do clipe “Diga Sim às Nossas Vidas”.

Os produtores do vídeo são militantes e líderes de movimentos feministas que visam reafirmar suas reivindicações no território nacional, sendo essa produção audiovisual direcionada para quem já faz parte da luta, ou seja, é iniciado no assunto e compartilha com a opinião. Exclui o leigo, tratando-o como um espectador comum. Com isso, o clipe tenta mostrar que qualquer uma está suscetível à prática do aborto e ressalta o drama das mulheres que já praticaram e são criminalizadas por essa ação.

O vídeo parte de uma ideia “pronta”, pensando em reforçar a luta do movimento de mulheres pela descriminalização do aborto no Brasil. No entanto, o roteiro foi elaborado para um público que concorda com a ideia e já conhece as dificuldades de quem está passando pela situação. Assim, a produção peca pela forma de se expressar ser menos atrativa ao público que ainda não está sensibilizado com a causa e, por não se utilizar de uma linguagem mais didática, optando por uma maneira impositiva e sintética na escolha da letra da música, que é mais utilizada pelas letras de hip-hop. Então, o clipe surte mais efeito para as militantes que fala para os seus pares, servindo como peça de animação do discurso pronto, por se tratar de uma peça publicitária que objetiva ratificar o discurso feminista deixando de lado a elaboração de um discurso que explique para quem não entende a reivindicação e tente persuadi-lo.



Figura 3 - Clipe "Diga Sim às Nossas Vidas" disponível no site YouTube

A construção da imagem de quem fala

O enunciador no vídeo se coloca como o defensor de uma causa pública, os argumentos dele são os melhores e vai salvar a vida de muitas pessoas. Sem demonstrar que se coloca à disposição de um diálogo e sim, já com o discurso pronto e perfeito para solucionar os problemas que a maioria das mulheres enfrenta quando se depara com uma gravidez indesejada.

A legalização do aborto é apresentada como a chave da problemática, pois dessa forma leva em conta apenas um ponto de vista, o direito que a mulher tem sobre o seu corpo. Apesar de, já ter os métodos contraceptivos mais acessíveis e podem auxiliar numa gravidez planejada. Todavia, para a realização do aborto no Brasil é preciso comprovar má formação do feto, anencefalia ou violência sexual e ter um acompanhamento psicológico antes e depois do aborto. A visão unilateral do clipe não propicia margens para ponderar vários pontos de vista, os prós e os contras do veto ou legalização do aborto no país.

O lugar do enunciador é de promover uma campanha em prol da descriminalização do aborto e, concomitantemente tenta defender quem já está na sociedade e tem como se defender, as mulheres, levando em consideração um discurso de vitimização de quem pratica o aborto. A imagem de medo e ao mesmo tempo de ataque passada pelas fotos e o elenco feminino, mostra uma forma de se defender da decisão do governo de manter o aborto como ilegal. Assim, quem fala não se preocupa



em estabelecer uma relação com a sua audiência e sim, em passar seu ponto de vista sobre a temática e com isso atrair a atenção ainda mais de militantes e de simpatizantes da causa, e assim relembrando a bandeira de luta.

A imagem do destinatário

O destinatário é visto como um espectador que deve confirmar o discurso do enunciador ou ser já um militante ou simpatizante da causa, assim perdendo seu espaço num possível diálogo. Além disso, o modo de endereçamento não é amplo e sim, restrito, pois “[...] o modo de endereçamento deve ser pensado como um posicionamento dos espectadores. Nessa perspectiva, *subject position* implica uma necessária *sujeição* ao texto e, como já visto, a ideologia opera através da sujeição” (ALTHUSSER, Louis apud DUARTE, Elizabeth Bastos; CASTRO, Maria Lília Dias de, 2006, p. 108-109).

O interlocutor é posto no lugar de plateia, visto que o clipe utiliza o modo de endereçamento para com ele de uma forma impositiva, passando a ideia de que o destinatário seja alguém que não precise refletir sobre o assunto, e sim, mais um para lutar pelas reivindicações das militantes e simpatizantes para a descriminalização do aborto.

A relação proposta

A abordagem da narrativa é feita por registro de passeatas do movimento de mulheres em diversas datas, com representações de mulheres e desenhos de forma dramática para intensificar o conteúdo da música, o fim da descriminalização do aborto.

Como citado anteriormente, o clipe não tem como objetivo estimular um diálogo e sim, promover uma campanha para reforçar a militância e atrair ainda mais os simpatizantes para a luta pela legalização do aborto no Brasil. Assim, o discurso do vídeo é tido como opaco, que “[...] privilegia a enunciação sobre o enunciado, que exhibe suas modalidades de dizer mais do que diz” (VERÓN, Eliseo. 2004, p. 233.).

A imagem construída das mulheres nesse vídeo é que sofrem com a recriminação por praticarem o aborto e se sentem desoladas, oprimidas e com baixa auto-estima. Desta forma, é preciso lutar pelos direitos delas e tantas outras através da mobilização de militantes e simpatizantes da causa, já que são discriminadas pela



sociedade.

Considerações finais

O clipe produzido pela ONG SOS Corpo em parceria com o blog Frente Nacional Aborto Legal promove uma campanha a favor da legalização do aborto no Brasil, com isso tenta manter acessa a chama dessa reivindicação no coração de militantes e, atrair ainda mais simpatizantes da causa para conquistar essa luta.

Esse vídeo apesar de ser uma peça publicitária, provoca um debate público por levantar questões que são abafadas pelos governantes e a sociedade do Brasil, pois o aborto hoje é uma questão de saúde pública, embate religioso e de divergências ideológicas. E mostrar também, o ponto de vista das mulheres que se dizem ter diversos motivos para abortar, entre eles o abuso em meio familiar ou em espaço público, a violência sexual e a heteronormatividade.

O clipe serve para divulgar a luta dos movimentos das mulheres pela descriminalização do aborto no país através da comunicação no meio eletrônico (na web), além de poder ser utilizado em palestras para mostrar para outras pessoas que o país precisa dialogar com a sociedade sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

CARMAGO, Orson. **O Feminismo, o que é**. Site Brasil Escola. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/sociologia/feminismo-que-e.html>>. Acessado em: 08 fev. 2014.

DUARTE, Elizabeth Bastos; CASTRO, Maria Lília Dias de. **Televisão: entre o mercado e a academia**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2006.

Frente Nacional Aborto Legal. **Semana de Mobilização Social**. 2012. Disponível em: <<http://frentenacionalabortolegal.blogspot.com.br/>>. Acessado em: 07 fev. 2014.

GIACOMELLI, Karina. **A enunciação em Benveniste e Bakhtin: exclusões saussurianas**. 2000. Disponível em: <<http://www.celsul.org.br/Encontros/04/artigos/063.htm>>. Acessado em: 01 fev. 2014.



ONG SOS Corpo. Disponível em: <<http://www.soscorpo.org.br/>>. Acessado em: 10 fev. 2014.

SARTI, Cynthia A. **O início do feminismo sob a ditadura no Brasil: o que ficou escondido.** XXI Congresso Internacional da LASA (Latin American Studies Association), Chicago, Illinois, 1998. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lasa98/Sarti.pdf>>. Acessado em: 10 fev. 2014

SOARES, Vera. **Muitas faces do feminismo no Brasil.** Disponível em: <<http://www2.fpa.org.br/uploads/vera.pdf>>. Acessado em: 11 fev. 2014

Ser a favor da descriminalização do aborto é ser a favor da vida. **Uma Feminista Casada.** Disponível em: <<http://www.feministacansada.com/post/35488631240>>. Acessado em: 12 fev. 2014

SOS CORPO apud YouTube. **Diga Sim às Nossas Vidas.** YouTube, 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fNuvmWZrNyA>>. Acessado em: 07 fev. 2014.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido.** Rio Grande do Sul: Ed. Unisinos, 2004.

50 anos da Pílula Anticoncepcional. **Site 32º Prêmio Opinião Pública.** Disponível em: <http://www.premioopiniaopublica.com.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=103:50-anos-da-pilula-anticoncepcional&catid=44:2010&Itemid=12>. 2012. Acessado em: 12 fev. 2014.